

# O encontro entre o sujeito e o objeto não-Eu

Anna Ferruta<sup>1</sup>, Milão

*A autora propõe uma reflexão sobre a complexa articulação do pensamento winnicottiano a respeito das relações objetais. Em seu texto sobre o uso do objeto, Winnicott destaca o uso da pulsão destrutiva para conferir caráter de alteridade ao objeto e independência ao sujeito, com base no contato com seu núcleo pulsional. Na teorização do objeto transicional, Winnicott destaca o caráter perceptivo e sensorial dessa relação, que se abre para o encontro com o objeto não-Eu, sem o risco de aniquilação da vida psíquica do sujeito, responsável por ampliar e enriquecer o seu recipiente mental e os seus processos de identificação. Para lidar com essa contradição em relação à presença do objeto na vida mental do sujeito, o conceito de integridade dos objetos de Bollas mostra-se útil. As experiências emocionais estão relacionadas aos objetos que as acionam. De acordo com Bollas, construímos o nosso idioma através da inteligência das formas, configurando nossa vida através da escolha de objetos que têm uma completude. A integridade de um objeto tem a estrutura potencial capaz de iniciar processos associativos e elaborativos.*

**Palavras-chaves:** Sujeito; Objeto não-Eu; Subjetivação; Fenômenos transicionais; Agressividade; Integridade

---

<sup>1</sup> Membro efetivo e analista didata da *Società Psicoanalitica Italiana* (SPI) e da *International Psychoanalytical Association* (IPA)

Anna Ferruta

---

No ensaio *O uso de um objeto e relacionamento através de identificações* (1971[1951]/ 1975b)<sup>2</sup>, Winnicott destaca o uso da pulsão destrutiva para conferir caráter de alteridade ao objeto, que sobrevive à fantasia do sujeito de tê-lo destruído. Assim, o sujeito adquire senso de realidade e de sua força psíquica pessoal, baseada na consciência de possuir um mundo interno. O objeto não é um conjunto de projeções, mas possui autonomia própria, e o sujeito experimenta pessoalmente sua própria pulsão destrutiva.

Por outro lado, na teorização sobre o objeto transicional, Winnicott destaca a importância da qualidade perceptiva e sensorial dessa experiência, a qual se abre para o encontro com o objeto não-Eu sem correr os riscos de aniquilação da vida psíquica do sujeito, que assim expande e enriquece tanto o seu recipiente mental quanto os seus processos de identificação.

Desde o nascimento, portanto, o ser humano está envolvido com o problema da relação entre aquilo que é objetivamente percebido e aquilo que é subjetivamente concebido e, na solução desse problema, não existe saúde para o ser humano que não tenha sido iniciado suficientemente bem pela mãe. *A área intermediária a que me refiro é a área concedida ao bebê, entre criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste da realidade.* Os fenômenos transicionais representam os primeiros estádios do uso da ilusão, sem os quais não existe, para o ser humano, significado na ideia de uma relação com um objeto que é por outros percebido como externo a esse ser.<sup>3</sup> (Winnicott, 1951/1978a, p. 238, grifos do autor)

A contribuição de Winnicott para o aprofundamento do pensamento psicanalítico sobre a dinâmica da relação sujeito-objeto apresenta, portanto, dois elementos aparentemente contraditórios: por um lado, com relação à teorização monopessoal freudiana, baseada na análise das forças e dinâmicas que estão em jogo dentro do sujeito, mudando decisivamente o eixo de atenção e cuidado na direção da psicanálise bipessoal. A interação entre o sujeito e o meio ambiente é aprimorada e colocada no centro da ação terapêutica (*Não existe essa coisa chamada bebê, existe um bebê e alguém*). Por outro lado, defende fortemente o

---

<sup>2</sup> N.T.: Tradução de Jose Octávio de Aguiar Abreu & Vanede Nobre. Winnicott, D. (1975). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971[1951])

<sup>3</sup> N.T.: Tradução de Jose Octávio de Aguiar Abreu & Vanede Nobre. Winnicott, D.W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *O brincar e a realidade* (p. 26). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971[1951])

direito do sujeito de não ser alterado pelo objeto e de manter uma zona sagrada inacessível à intervenção do outro (*Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos*<sup>4</sup>, 1963/1984). Além disso, a teorização do falso *self* diz respeito precisamente à necessidade de proteger esse núcleo pessoal de intrusões e colonizações destrutivas.

Winnicott acredita tanto que o relacionamento com um cuidador empático, com capacidade de *holding* que garante a sensação de continuidade do *self* através das mudanças, seja fundamental para o crescimento psíquico, que também se declara impaciente diante de qualquer iniciativa que se configure como intervenção de um analista usando as correntes de transferência afetiva e libidinal para exercer uma influência pedagógica ou de orientação diretiva no analisando.

É uma peculiaridade do pensamento winnicottiano a valorização do mundo inconsciente de cada sujeito e a confiança no desenvolvimento dessa dotação original, se acolhida em um ambiente relacional que facilita a expressão de uma apropriação subjetiva das experiências encontradas. À medida que seu pensamento se desenvolve e se aprofunda, Winnicott manifesta cada vez mais sua intransigência ao reiterar a centralidade dos fatores inconscientes como fonte da irredutível independência psíquica do sujeito. Por exemplo, no artigo *The unconscious* (Winnicott, 1966/2017d), ele se opõe aos pedidos insistentes de dar diretrizes pedagógicas que mortifiquem a animada interação entre as pessoas, avaliadas como uma *diluição do conceito de inconsciente*:

Parece-me que, juntamente com a aceitação geral de certos princípios psicanalíticos, como a sexualidade infantil, a importância dos instintos e a importância primordial da necessidade do indivíduo de descobrir o *self* e de se sentir real, surgiu, nas últimas duas décadas, uma diluição do conceito de inconsciente. É quase como se a ideia do inconsciente não incomodasse mais ninguém, porque – bem, nós já tivemos tudo isso. A implicação é que estamos conscientes disso. Ainda continua, portanto, apenas de uma forma nova e sutil, uma guerra fria entre todos os psicólogos, acadêmicos, cientistas sociais e econômicos, além de psicoterapeutas e assistentes sociais psiquiátricos, cujo trabalho os leva constantemente aos reinos em que o inconsciente é inconsciente e de fato significativo.<sup>5</sup> (p. 426)

<sup>4</sup> N.T.: Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Winnicott, D.W. (1983). *Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos*. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 163-174). Porto Alegre: Artes médicas. (Trabalho original publicado em 1963)

<sup>5</sup> N. T.: Todas as citações foram traduções minhas, exceto nos casos em que a tradução consultada for explicitamente referenciada em nota de rodapé.

Anna Ferruta

---

Aqui Winnicott manifesta confiança no valor da relação que evolui e agrega necessidade e desejo de que o núcleo mais sagrado do *self* não seja alterado, declarando-se ciente dessa tensão vital dos opostos em sua conceituação e prática clínica. Winnicott expressa tal pensamento de maneira mais explícita em comunicações menos formais, como em resenhas de livros ou em cartas escritas após reuniões da Sociedade Britânica.

Por exemplo, em *Resenha: memories, dreams, reflections, por Carl Gustav Jung* (1964), ao comentar as diferenças entre junguianos e freudianos em relação aos termos *inconsciente* e *self*, ele reafirma um conceito fundamental: “Mais importante é chegar às forças básicas do viver individual e, para mim, é certo que, se a base real é a criatividade, o mais próximo dela é destruição”<sup>6</sup> (Winnicott, 1964/2017a, p. 123). *As forças básicas do viver individual* constituem a herança pessoal da qual a criatividade pode ser libertada através do encontro com o outro. Essa afirmação é um exemplo da luta contínua, presente no pensamento de Winnicott, entre a abertura para ouvir o outro e a necessidade de manter sua independência pessoal. O caminho que ele propõe, tanto na análise quanto no desenvolvimento psicossomático, é o da passagem da dependência desamparada para a dependência relacionada à independência.

É uma tomada de posição sobre a importância de manter uma solidão interior no que diz respeito à relação com a realidade externa, a qual indica os riscos de adaptação, submissão, contaminação, perda do *self* verdadeiro. Em uma das cartas a Klein (17 de novembro de 1952), ele afirma que essa crença não pode ser simplesmente *descartada como a doença de Winnicott*. A ocasião é a proposta feita por Klein para Winnicott escrever um capítulo do livro que ela está editando. Ele recusa o convite, especificando os motivos: sente-se confrontado com aquela que é uma de suas dificuldades pessoais básicas e sobre a qual sempre teve dificuldade de se adaptar, que seria a relação com a realidade externa compartilhada com os outros.

Porém, foi precisamente essa dificuldade/qualidade que lhe permitiu entender as crianças pequenas e os pacientes esquizoides, assim como elaborar teorias fundamentais, entre as quais a teoria dos fenômenos transicionais e dos elementos masculino e feminino divididos.

Outro exemplo: em uma carta (7 de outubro de 1955) enviada a um Bion ainda no início do desenvolvimento de seu pensamento original, ao reconhecer nele *um grande homem do futuro*, sente a necessidade de intervir na delicada questão das interpretações transferenciais que poderiam seguir na direção sugestivo-

---

<sup>6</sup> N.T.: Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Winnicott, D.W. (1994). *Resenha: Memories, dreams and reflections, by Carl Gustav Jung*. In *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott* (p. 371). Porto Alegre. Artmed. (Trabalho original publicado em 1964)

apoiadora ao invés de seguir na direção do contato emocional com o sofrimento e a raiva esperando para serem contidos, reconhecidos e usados como fonte de recursos psíquicos pessoais criativos. Na carta, Winnicott descreve a abordagem que ele teria usado em um caso clínico apresentado por Bion em uma reunião da Sociedade Psicanalítica Britânica. Winnicott havia apreciado o modo como Bion conduzira a análise, mas, ao voltar para casa, decidiu aprofundar seus pensamentos, escrevendo a Bion:

É verdade que as interpretações que fez provavelmente estavam corretas no momento, mas caso se viole a cena descrita tomando-a de forma abstrata, algo que é perigoso fazer, eu diria que se um paciente meu se deitasse no divã, mexendo de um lado para outro como fez seu paciente, e dissesse “Eu devia ter telefonado para minha mãe”, eu saberia que ele estava falando sobre comunicação e sua incapacidade em se comunicar. Caso lhe interesse saber, direi qual interpretação eu teria dado: Eu teria dito: “Uma mãe devidamente orientada para seu bebê saberia, a partir dos seus movimentos, o que você precisa. Haveria uma comunicação ocasionada por esse conhecimento, que é próprio da devoção da mãe, e ela faria algo que iria mostrar que a comunicação havia ocorrido. Não sou sensível o suficiente ou orientado dessa maneira para agir de modo satisfatório, e, portanto, na presente situação analítica, me encontro na categoria de mãe que não conseguiu tornar a comunicação possível. No presente relacionamento, portanto, ocorre uma amostra do fracasso original do ambiente que contribuiu para a sua dificuldade de comunicação. É claro que você sempre poderia chorar e chamar a atenção para a necessidade. Do mesmo modo, você poderia telefonar para sua mãe e obter uma resposta, mas isso representa um fracasso na comunicação mais sutil, que é a única base para a comunicação que não viola o fato do isolamento essencial de cada indivíduo.”<sup>7</sup> (1987, p. 91)

Nesse caso, Winnicott propõe uma maneira de interpretar que não é conciliatória nem de controle, mas coloca o paciente em contato com seu sofrimento psíquico básico, relacionado à profunda experiência infantil de um objeto não responsivo, permitindo que ele viva essa experiência psíquica na transferência. De fato, é curativa precisamente a possibilidade de tornar a experiência e o conhecimento verbalizado na transferência dessa falta de um objeto responsivo

<sup>7</sup> N.T.: Tradução de Luís Carlos Borges. Winnicott, D.W. (2005). Carta 57: Para Wilfred R. Bion. In *O gesto espontâneo* (2ª ed., pp. 114-115). São Paulo: Martins Fontes. (Correspondência original datada em 07 de outubro de 1955)

Anna Ferruta

---

capaz de se comunicar com as mensagens não verbais da criança: Winnicott não oferece uma experiência substituta melhor, mas a experiência vivida na sessão de um sofrimento ainda não simbolizado e sua elaboração, que passam a fazer parte do mundo psíquico do sujeito como uma representação do não acontecido. A verdadeira experiência psicológica ocorrida na sessão é a emoção de poder ter acesso a um sofrimento impensável até aquele momento.

A questão é usar uma experiência relacional para reconhecer as feridas precoces do psiquismo, criando a possibilidade de retomar o crescimento psíquico: “*Development is my line of country*”<sup>8</sup> (Winnicott, 1964/2017b, p. 103; citado por Ferruta, 2017, p. 131). Esse processo requer a presença e a intervenção de um objeto não intrusivo e não substitutivo que desempenhe uma função de *holding*. *Holding* é uma função psíquica de presença e continuidade desempenhada pelo objeto quando o sujeito, para voltar a entrar em contato com o núcleo do *self*, o qual havia sido colonizado e quase substituído pelo objeto, quer fugir dele sem ter necessidade de autocontenção para não colapsar. O conceito e o termo *holding* significam segurar: segurar um objeto em suas mãos ou braços, manter em um estado. Nesse caso, a função do objeto é permitir que o sujeito suspenda a autocontenção e incentivar um novo começo de desenvolvimento (Winnicott, 1954/1958b). Nesses casos, a interpretação da transferência é usada como um meio para proporcionar ao paciente uma experiência emocional de relacionamento pessoal intensa e autêntica, e não para interpretar como um mecanismo de defesa contra a dependência desamparada do objeto<sup>9</sup>.

A situação terapêutica não é usada para destacar as qualidades elaborativas e imaginativas do objeto, mas para incentivar e fortalecer a independência do sujeito que, por meio da relação, alcança uma riqueza de experiências primárias e, a partir delas, retoma o próprio desenvolvimento.

## O caso de Kate

*Kate é uma jovem que dedicou a sua adolescência aos estudos, permanecendo protegida no casulo da família, em uma condição de dependência*

---

<sup>8</sup> N.R.: “Desenvolvimento é a minha área de especialidade” (Tradução livre).

<sup>9</sup> Em seu livro *Natureza humana* (1988/1990), Winnicott resume seu pensamento da seguinte forma: “Uma interpretação correta e oportuna no tratamento analítico produz uma sensação de estar sendo fisicamente seguro, que é mais real (para o não-psicótico) do que se ele estivesse sendo concretamente embalado ou posto no colo. A compreensão penetra mais fundo, e através da compreensão demonstrada pelo uso da linguagem, o analista embala o paciente fisicamente no passado, ou seja, na época em que havia necessidade de estar no colo, quando o amor significava adaptação e cuidados físicos” (p. 80, trad. de Davi Litman Bogomoletz).

*do objeto parental. Depois de concluir a faculdade, ela começa a perceber que está vivendo em um mundo interno árido e desolado. Consegue se apaixonar por um jovem, que também terminou seus estudos. Substitui a paixão pelos estudos pela paixão e dedicação por Henry, de quem, a partir deste momento, a sua vida psíquica passa a depender quase que totalmente. Após dois anos desta intensa relação fusional, Henry a abandona sem explicação. Kate, que havia depositado nele todos seus recursos de self, enfrenta um colapso: o objeto ocupou e substituiu o self, tornando-se seu self. Passa um ano sonhando todas as noites com ele como um objeto de amor, mas também como um representante e nutridor do próprio self agonizante: seu self, sem o suprimento fornecido pela relação com o objeto, pode colapsar, mas esse self, precisamente pela sua vitalidade autônoma nascente embrionária, comprometeu o relacionamento, manifestando necessidades pessoais e não adaptadas apenas ao objeto.*

*No relacionamento analítico, acolho, hospedo e recupero o self agonizante de Kate/Henry, que precisa da relação com um objeto que ajude a manter vivo esse self híbrido, o qual, se deu vida à Kate árida, ao mesmo tempo ajudou a fazê-la sentir, com seus desejos e necessidades, uma subjetividade concorrente e uma alternativa a Henry. Como analista, ofereço-me na condição de um objeto intacto que não rejeita o híbrido formado por Kate-com-Henry e aceito o encontro com esse alienígena, sem interpretá-lo como uma defesa. Assim, os sonhos começam a se encher de animais selvagens (uma tropa de cavalos que esmaga tudo, lobos famintos que se apaziguam com o alimento, um vale de dinossauros onde há incerteza se devorarão tudo ou se morrerão por falta de comida), que são interpretados como partes vivas do self que ressurgem. Chegamos a um sonho sem a presença de Henry, em que surgem outros personagens e a própria Kate como um ser vivo, capaz de sobreviver na ausência de Henry: ela constrói uma cena na qual também há espaço para Kate. Finalmente, chegamos a um sonho em que Kate está no patamar da escada do consultório da analista: é um espaço no qual se encontram dois lances de escada, e nenhum deles foi destruído. A analista tem seu consultório e a paciente tem seu próprio mundo independente, existindo um espaço intermediário que permite a ambas se encontrarem.*

*A distância do núcleo profundo do self em Kate era tal que a perda de Henry, em relação a qual ela o havia parcialmente colocado, era a ameaça de uma perda catastrófica de si mesma (Winnicott<sup>10</sup>, 1963/1989), algo que já ocorrera na infância, na época do nascimento de sua irmã mais nova.*

<sup>10</sup> N.T.: Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Winnicott, D. W. (1994). O medo do colapso. In *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 70-76). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1974)

Anna Ferruta

---

Esse colapso vivido, mas não emocionalmente experimentado e lembrado, interrompeu a continuidade do *being* (ser), pois a organização do ego ainda era fraca demais para lidar com ele. A única cura consistia em *recuperar a loucura* no cenário analítico:

Qualquer tentativa por parte do analista de ser *são* ou lógico destrói o único caminho que o paciente pode forjar de volta à loucura que necessita ser recuperada na experiência, por não poder ser recuperada na lembrança. Dessa maneira, o analista tem de ser capaz de tolerar sessões inteiras ou até mesmo períodos de análise em que a lógica não é aplicável em qualquer descrição da transferência.<sup>11</sup> (Winnicott, 1965[1963]/1989, p. 99)

A ênfase é colocada no fato de que, nessas situações, a cura analítica possui uma dimensão de experiência compartilhada, e o analista também é obrigado a vivê-la na transferência “ao invés de permitir que a loucura se torne uma experiência administrável, da qual o paciente possa efetuar uma recuperação espontânea” (Winnicott, 1965[1963]/1989, p. 101).

## Formas de alteridade do objeto

Dando-se tempo para os processos de maturação, a criança se tornará capaz de ser destrutiva e de odiar, agredir e gritar, em vez de aniquilar magicamente o mundo. Dessa maneira *a agressão concreta é uma realização positiva*. Em comparação com a destruição mágica, as ideias e o comportamento agressivos adquirem valor positivo e o ódio converte-se num sinal de civilização, quando se tem em mente todo o processo do desenvolvimento emocional do indivíduo, e especialmente suas primeiras fases.<sup>12</sup> (1964/2017c, p. 110)

Esse aspecto da teorização de Winnicott aprimora a função da relação com o objeto para a construção de um sentido de *self*, com o intuito de chegar assim à capacidade de se sentir existente e pronunciar um forte *Eu sou*. Winnicott fala do insulto que a realidade externa representa para o sujeito: no momento em que exige submissão, apaga a espontaneidade, a criatividade e o próprio senso de realidade.

---

<sup>11</sup> N.T.: Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Winnicott, D.W. (1994). A psicologia da loucura: uma contribuição da psicanálise. In *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965 [1963])

<sup>12</sup> N.T.: Tradução de Álvaro Cabral. Winnicott, D.W. (1999). Agressão e suas raízes – Raízes da agressão. In *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1964)



A constituição da relação do objeto exige inicialmente a experiência da ilusão: o recém-nascido fantasia que criou o seio do qual usufrui; fantasia e realidade coincidem de maneira onipotente. Em tais fases, a fantasia não é um substituto da realidade, mas a primeira maneira de enfrentá-la. Ao invés de se referir ao sadismo inato da criança, como faz Klein, Winnicott fala da primeira relação objetal impiedosa de uma criança com a mãe (amor primitivo impiedoso): a capacidade de se preocupar com o objeto (preocupação) depende de que o *self* impiedoso da criança tenha podido se expressar. Winnicott (1971[1951]/1975b) diferencia entre estabelecer uma relação com o objeto e fazer uso do objeto. Ao estabelecer uma relação com o objeto, o sujeito permite que certas modificações ocorram em seu *self*: o objeto assume um significado dentro de mecanismos projetivos e identificações. Mas, para poder usar o objeto, ele deve ser real, fazer parte de uma realidade compartilhada e não ser apenas um conjunto de projeções. A existência independente do objeto deve ser aceita. Winnicott introduz um conceito original sobre a função da agressão, diferenciando-a daquela de Freud e Klein: os objetos se tornam reais porque podem ser destruídos. Mecanismos projetivos ajudam a perceber que o objeto está lá, mas não são a razão pela qual ele está lá: o objeto se torna real porque tem uma existência independente e sobrevive à destruição executada pelo sujeito na fantasia. Além dessa dimensão centrada no uso impiedoso do objeto pelo sujeito, de acordo com o pensamento de Winnicott, há outra corrente psíquica, aquela que busca os aspectos perceptivos e sensoriais dos objetos para o encontro com o mundo não-Eu em termos não aniquilantes. Em paralelo à construção da independência e da solidão do sujeito, há uma corrente direcionada ao encontro com objetos que, precisamente com sua alteridade perceptiva, produzem uma expansão e um enriquecimento transformador do *self*. De acordo com Winnicott, junto com essa profunda consciência da necessidade do crescimento psíquico da disponibilidade de um objeto com o qual se relacionar, existe a reflexão sobre a importância de se ter experiências de encontro com o outro, com objetos não-Eu que, graças às sensações e emoções que despertam, podem ser subjetivados.

A área de transição é uma área de passagem entre o que é percebido e o que é simbolizado (Ferruta, 2003), na qual o importante é a dimensão de uma experiência sensorial que nutre a subjetividade. O objeto é importante nessa área por suas características perceptivas, ao passo que o sujeito é importante por seu trabalho transformador do *self* como criador da experiência.

O objeto transicional é o primeiro objeto possuído e usado pela criança como um objeto não-Eu:

Anna Ferruta

---

É verdade que a ponta do cobertor (ou o que quer que seja) é simbólica de algum objeto parcial, tal como o seio. No entanto, o importante não é tanto seu valor simbólico, mas sua realidade. O fato de ele não ser o seio (ou a mãe), embora real, é tão importante quanto o fato de representar o seio (ou a mãe).<sup>13</sup> (Winnicott, 1971/1975a, p. 19)

Quando o objeto transicional surge, esse é o sinal de que o sujeito fez um percurso a partir de sua realidade interna para uma realidade diferente do *self*, realizando um trabalho psíquico através do qual atribuiu a um objeto, reconhecido como externo às suas fronteiras e à sua atividade desejante, um significado que lhe permita incluí-lo em seu mundo sem se sentir aniquilado por ele.

Um exemplo clínico: *um paciente jovem, que vivencia incertezas angustiantes sobre aquilo que pensa e sente, o que acaba minando sua autoconfiança, fecha-se em casa, pois “deseja ter certeza” de alguma coisa antes de avançar em direção ao mundo: diz permanecer preso “como um mexilhão” àquelas coisas que sente como realidade. São realidades percebidas como externas, mas que devem se articular, colaborando com as realidades internas, e que permanecem mudas, não exigem trabalho mental. Essa “certeza” produz nele uma imobilidade como um “mexilhão que está preso ao recife”, um bloqueio no desenvolvimento da organização psíquica da mente. A falta de experiências de transição gera imobilidade psicofísica em vez do percurso, do trajeto.*

Com o objeto transicional, um primeiro elemento da realidade não-Eu se introduz nas fronteiras mentais do sujeito, sem destruí-lo e sem ferir a sua qualidade, e sim, ao contrário, enriquecendo-o com uma noção de força e de vitalidade.

O que constitui o objeto transicional é esse trabalho psíquico, capaz de aceitar a qualidade não-Eu do objeto e, portanto, a ferida narcísica da alteridade, sem transformá-lo em uma realização alucinatória do desejo, mas, ao invés disso, usando-o para enriquecer e expandir uma vida psíquica subjetiva ainda na infância. O que constitui o objeto transicional, após o ato unilateral de escolha, é, em segundo lugar, seu caráter concreto, sua qualidade sensorial perceptiva: sua cor, seu odor, seu aspecto. É único, precisamente porque não é um símbolo e nem é substituível: suas características sensoriais não substituíveis não devem ser ligadas aos mecanismos de apego fetichista (nos quais o processo pode degenerar em termos patológicos precisamente como um sinal da incapacidade de tolerar a ausência), mas à qualidade do trabalho psíquico envolvido, que enfrentou a dificuldade de entrar em contato

---

<sup>13</sup> N.T.: Tradução de Jose Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)

com a realidade não-Eu e incluí-la, pela primeira vez, na realidade psíquica do sujeito (Winnicott, 1971/1975a).

Exatamente por esse motivo, as características sensoriais do objeto transicional são importantes, pois carregam o sinal, o traço experiencial e perceptivo do encontro com a alteridade irredutível do objeto e com a inevitável atenuação da oscilação interna entre onipotência e impotência. Não apenas isso: a entrada do objeto não-Eu no mundo psíquico pessoal, em virtude de sua riqueza perceptiva e do seu estímulo sensorial, abre caminho para o mundo dos objetos, chamados a habitar o mundo do sujeito para a sua atração, não aniquilante, não apenas gratificante, mas potencialmente transformadora do próprio sujeito. Bollas (1992) afirma: “Cada entrada na experiência de um objeto é como nascer de novo, pois a subjetividade é recentemente informada pelo encontro, sua história alterada por um presente radicalmente eficaz que mudará sua estrutura” (p. 59, tradução livre).

No volume *Jouer avec Winnicott*, Green (2005) afirma que a psique é uma estrutura intermediária entre organismo e ambiente: as funções objetualizantes e desobjetualizantes representam um movimento contínuo entre a criação de objetos e o afastamento deles, até o autodesaparecimento. Nesse sentido, Green incorpora completamente o conceito winnicottiano de percurso, de trabalho psíquico entendido não como um *insight* pontual, mas como uma construção da realidade psíquica através de um processo de simbolização que envolve um trajeto entre o mundo interno e o externo:

Em relação à realidade, o sonho não é somente uma tentativa de realizar um desejo, mesmo se tomarmos a formulação mais simples sobre ele. Podemos considerá-lo não só como a vitória sobre um obstáculo que não pôde ser vencido na realidade, mas também como um exemplo do negativo, o que nos leva à ideia de que o negativo é um trabalho, não um estado. (Green, 2005, p. 69, tradução livre)

O objeto não-Eu é experimentado como um objeto subjetivo, introduzindo-se no mundo psíquico do sujeito através de um trabalho criativo que, ao manter as suas características sensoriais e perceptivas, adquire um novo significado atribuído pelo sujeito. Uma linha de continuidade abre-se entre objetos transicionais, coconstruções e expansão do sujeito, sem perder contato e partilhamento com o outro, que mantém suas características de alteridade.

Anna Ferruta

## Uma teoria psicodinâmica da subjetivação

Podemos nos perguntar quais limites colocar nas construções analíticas da dupla que, durante o percurso do trabalho de coconstrução, incorpora e se apropria, através do processo de subjetivação, de novos elementos do mundo dos objetos e, também, de fantasias, palavras e imagens introduzidas pelo analista no contexto relacional. Assim, o sujeito  *cresce*, no sentido de que as experiências subjetivizadas dos objetos não-Eu tornam-no capaz de emoções e conhecimentos mais amplos, ricos e profundos. Isso acontece com Kate, forçada a sair do mundo restrito dependente da família e se aventurar na floresta de experiências de objetos não-Eu que expandem seu sentido de *self*.

Nesse momento, chegamos ao extremo oposto do ponto inicial de que partimos: a afirmação da individualidade e independência do sujeito em relação aos objetos. As condições pelas quais o sujeito tem fome de utilizar objetos não-Eu são determinadas, em uma expansão que parece ilimitada. Interrogamo-nos sobre os limites necessários a essa expansão, a essa fome de algo diferente de si, com os riscos de combustão, de ruptura do continente mental (Ferro, 2002). Os limites são aqueles do ser humano, o Eu-pele (Anzieu, 1985), que deve conter, sem se romper, conteúdos e trocas potenciais para se comunicar com o interno e o externo, como a gota d'água que guarda seu conteúdo precioso mesmo com a tensão da superfície ou a membrana semipermeável da célula em contínua troca metabólica com o meio ambiente.

É aqui que chegamos ao resgate do conceito de integridade dos objetos (Bollas, 2009) para enfrentar essa contradição em relação à presença do objeto na vida mental do sujeito. As experiências emocionais estão relacionadas aos objetos encarregados de acioná-las. De acordo com Bollas, construímos o idioma através da inteligência das formas, configurando nossa vida por meio da escolha de objetos que têm uma completude. A integridade de um objeto tem o potencial de iniciar processos evocativos. Os objetos têm sua própria estrutura e beleza que devem ser respeitadas e, precisamente por possuírem essa integridade, responsável por torná-los vivos e pulsantes, é que podem se tornar disponíveis para encontrar outros objetos, fonte de emoções. Acontecem, então, os processos de desconstrução, ao mesmo tempo em que as configurações anteriormente construídas se dissolvem e novas formas com sua integridade e completude renovadas são produzidas. Esse processo construtivo-desconstrutivo-construtivo (Bollas, 1995) é saudável e vital justamente porque nos movemos no campo de encontros entre objetos, pessoas, configurações, os quais possuem uma estrutura própria que os mantém unidos.

As configurações abstratas também possuem essa integridade dos objetos, até

o gotejamento de Pollock ou os desenhos de uma forma nascente de Klee, na medida em que são produzidos por um organismo vivo e integrado, o autor. Funcionam como objetos evocativos que ativam os processos de subjetivação das histórias, desenhos, músicas, os quais possuem a sua própria unidade de funcionamento dinâmico vital integrada e que, por esse motivo, podem ser utilizados para processos criativos pelo sujeito, capaz de assimilar e reorganizar continuamente as novas experiências. O objeto não é apenas um continente para as projeções do sujeito, mas possui sua própria estrutura distinta, sua completude, circunstância que o torna uma unidade dinâmica e funcional: quando o sujeito utiliza o objeto para elaborar e articular o *self*, entra em contato com a completude dele, que possui sua autonomia de vida, a qual chamamos de *beleza* e não precisa mais da intervenção do outro para existir. É como uma obra de arte que continua a viver separada de seu autor. Inicia-se, assim, o percurso para a criação de uma nova completude, a representação de um *self* que funciona com coesão suficiente para a sobrevivência do indivíduo em um mundo compartilhado, com uma beleza que constitui sua coesão comunicativa e autônoma.

As técnicas de construção-narrativa são histórias que contamos em conjunto com os pacientes, formadas por interpretações nas sessões de análise, as quais postergam o momento de ausência e vazio. Porém, o espaço vazio de construções significativas, constituído por um contexto relacional sólido e renovável, pode dar vida ao surgimento de novos objetos intactos, resultado desses encontros. A técnica analítica consiste na capacidade compartilhada de desenhar uma imagem sólida e mutável, disponível para representar muitas histórias. Uma teoria psicodinâmica da subjetivação (Bollas, 2009) permite obter uma base segura (Balint, 1968) e, ao mesmo tempo, transformá-la continuamente, de acordo com o contexto interno/externo. Bollas (2013) afirma que o Oriente encontrou uma maneira de desenvolver a mente coletiva preservando o idioma individual no qual o *self* pessoal e o *self* social se misturam, como na poesia, expressão central do *self*, que une o particular e o universal.

Desse modo, coexistem na análise a possibilidade de se deixar usar pelo paciente para a construção do seu *self* e a disponibilidade de funcionar como objeto vivo, que abre caminho para o encontro com objetos não-Eu com sua força atrativa perceptivo-sensorial. Se não forem intrusivos e alienantes, mas dotados de um significado que lhes é dado pelo sujeito, os objetos não-Eu podem se tornar parte de seu mundo interno. É necessário expandir o continente mental para hospedar uma pluralidade dinâmica relacional e estabelecer esse diálogo interno permanente entre vários estados do *self*, hospedados no mundo psíquico, esperando poder expressá-los e deixar alguns ainda em silêncio. Desenvolver uma tensão relacional

Anna Ferruta

---

até o ponto em que é possível manter unido o continente psicossomático, sempre correndo o risco de ruptura, se quiser mantê-lo ativo e vital nas trocas com o outro desconhecido. Isto até o ponto no qual o Eu-pele não é rasgado, a coesão do *self* não se fragmenta na dispersão esquizofrênica e a tensão superficial da gota d'água não se dissolve no lago de Narciso. □

## Abstract

### **The encounter between the subject and the non-Self object**

The author proposes a reflection upon the complex articulation of the Winnicottian thinking about object relations. In his text about the use of objects, Winnicott highlights the use of destructive drive to grant a character of alterity to the object, and independence to the subject, based on the contact with its drive core. In his theorizing about the transitional object, Winnicott highlights the sensory and perceptive character of this relation, which opens up to the encounter with the non-Self object, without risking the annihilation of the subject's psychic life, responsible for expanding and enriching its mental recipient and identification processes. In order to deal with this contradiction regarding the presence of the object in the subject's mental life, Bollas' concept regarding the integrity of the object becomes useful. Emotional experiences are related to the objects that trigger them. According to Bollas, we build our language through the intelligence of the forms, configuring our life through the choice of objects that hold completeness. The integrity of an object holds such a structure that is potentially able to give rise to new associative and elaborative processes.

Keywords: Subject; Non-Self Object; Subjectivation; Transitional phenomena; Aggressiveness; Integrity

## Resumen

### **El encuentro entre el sujeto y el objeto no-Yo**

La autora propone una reflexión sobre la compleja articulación del pensamiento de Winnicott sobre las relaciones objetales. En el ensayo sobre el uso del objeto, Winnicott destaca el uso de la pulsión destructiva para conferir carácter de alteridad al objeto e independencia al sujeto, basado en el contacto con su núcleo pulsional. En la teorización del objeto de transición, Winnicott destaca el carácter perceptivo

y sensorial de esta relación, que se abre al encuentro con el objeto no-Yo, sin el riesgo de aniquilación de la vida psíquica del sujeto, que expande y enriquece su contenedor mental y sus procesos de identificación. Para hacer frente a esta contradicción relacionada con la presencia del objeto en la vida mental del sujeto, el concepto de integridad de los objetos de Bollas resulta útil. Las experiencias emocionales están relacionadas con los objetos que las ponen en movimiento. Según Bollas, construimos nuestro idioma através de la inteligencia de las formas, configurando nuestra vida a través de la elección de objetos que tienen una integridad. La integridad de un objeto tiene la estructura potencial capaz de iniciar procesos asociativos y elaborativos.

Palabras clave: Sujeto; Objeto no-Yo; Subjetivación; Fenómenos transicionales; Agresividad; Integridad

## Referências

- Anzieu, D. (1985). *Le Moi-Peau*. Paris: Dunod.
- Balint, M. (1968). *The basic fault: therapeutic aspects of regression*. London: Taylor and Francis.
- Bollas, C. (1992). *The shadow of the object*. London: Routledge.
- Bollas, C. (1995). *Cracking up*. London: Routledge.
- Bollas, C. (2009). *The evocative object world*. London: Routledge.
- Bollas, C. (2013). *China on the mind*. London: Routledge.
- Ferro, A. (2002). *Fattori di malattia, fattori di guarigione*. Milano: Raffaello Cortina. (*Seeds of illness, seeds of recovery*. London: Routledge, 2004).
- Ferruta, A. (2003). La terza area- resting place of illusion. *Psiche*, 2, 31-41.
- Ferruta, A. (2017). Object presence and absence in Psychic development, 1964-1966. “My latest brain-child”. In A. T. Kabesh (Ed.), *Twelve essays on Winnicott: theoretical developments and clinical innovations* (pp. 129-145). New York: Oxford University Press; The Winnicott Trust, 2019.
- Green, A. (2005). *Jouer avec Winnicott*. Paris: Puf.
- Winnicott, D.W. (1958a). Transitional objects and transitional phenomena. In *Collected papers: through paediatrics to psycho-analysis*. London: Tavistock. (Original work published in 1951)
- Winnicott, D.W. (1958b). Metapsychological and clinical aspects of regression within the psycho-analytical set-up. In *Collected papers: through paediatrics to psycho-analysis*. London: Tavistock. (Original work published in 1954)
- Winnicott, D.W. (1975a). *Playing and reality*. London: Tavistock. (Original work published in 1971)

Anna Ferruta

---

- Winnicott, D.W. (1975b). The use of an object and relating through identifications. In *Playing and reality* (pp. 86-94). London: Tavistock. (Original work published in 1971[1951])
- Winnicott, D.W. (1984). Communicating and not communicating leading to a study of certain opposites. In *The maturational processes and the facilitating environment: studies in the theory of emotional development*. London: Hogarth Press. (Original work published in 1963)
- Winnicott, D.W. (1987). *The spontaneous gesture: selected letters of D.W. Winnicott* (Edited by F.R. Rodman). London: The Winnicott Trust.
- Winnicott, D.W. (1988). *Human nature*. Eds. C. Bollas, M. Davis & R. Shepherd. London: Free Association, 1990.
- Winnicott, D.W. (1989). Fear of breakdown. In C. Winnicott, R. Shepherd, M. Davis (Eds.), In *Psycho-analytic explorations: D.W. Winnicott*. Cambridge, MA: Harvard University Press. (Original work published in 1963)
- Winnicott, D.W. (1989). The psychology of madness: a contribution from psycho-analysis. In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Eds.), *Psycho-analytic explorations: D.W. Winnicott*. Cambridge, MA: Harvard University Press. (Original work published in 1965[1963])
- Winnicott, D.W. (2017a). Review: memories, dreams, reflections by C.G. Jung. In L. Caldwell, & H. Taylor Robinson (Eds.), *The collected works of D.W. Winnicott*. New York: Oxford University Press. (Original work published in 1964)
- Winnicott, D.W. (2017b). This feminism. Draft of a talk given to the progressive league. In L. Caldwell & H. Taylor Robinson (Eds.), *The collected works of D.W. Winnicott*. New York: Oxford University Press. (Original work published in 1964)
- Winnicott, D.W. (2017c). Roots of aggression. In L. Caldwell, & H. Taylor Robinson (Eds.), *The collected works of D.W. Winnicott*. New York: Oxford University Press. (Original work published in 1964)
- Winnicott, D.W. (2017d). The unconscious. In L. Caldwell, & H. Taylor Robinson (Eds.), *The collected works of D.W. Winnicott*. New York: Oxford University Press. (Original work published in 1966)

Recebido em 16/03/2020

Aceito em 06/05/2020

Tradução de **Janisa S. Antoniazzi**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Elena Beatriz Tomasel**

**Anna Ferruta**

Viale Bianca Maria 5

20122 – Milão – Itália

a.ferruta@libero.it

© *Anna Ferruta*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA